

Múltiplas vozes sobre uma voz múltipla: Caio Fernando Abreu

Mairim Linck Piva*

O escritor gaúcho Caio Fernando Abreu esteve sempre à procura do caminho que o fizesse crescer, que indicasse o sentido do ser no mundo. Sua jornada, suas ânsias filosóficas, como dizia, encontram-se também em seu trabalho literário. Seus textos procuram biografar a emoção dos seres humanos ao longo do viver, esforçando-se Caio sempre para fazer da sua profissão uma forma de elevar a condição humana.

Percebe-se que é graças ao olhar da crítica que, muitas vezes, um autor ou uma obra ganha relevância diante do público. Isso não significa que a crítica contemporânea ao período de produção de um texto seja a voz definitiva, pois a história da literatura e da crítica literária revela que essa faz também o resgate de autores/obras já passados, utilizando-se de um distanciamento histórico que permite avaliar mais objetivamente as qualidades estéticas de uma obra e tem um panorama mais abrangente das produções do período em questão para uma apreciação de conjunto e de influências e diferenciações, o que permite revelar características e qualidades não observadas na contemporaneidade da produção da obra.

Porém, pode-se aferir não o valor de um escritor, mas a importância/relevo que ele obtém junto à crítica especializada dentro de sua época de produção ao se procurar destacar as fontes críticas de seu período. Ao se intentar um estudo sobre uma obra de Caio F. Abreu, partiu-se, preliminarmente, em busca dessas fontes tentando perceber qual a repercussão da proposta de Caio de valorização do ser humano pelo veio literário.

A pesquisa constatou inicialmente que a publicação de trabalhos sobre a obra do escritor, em livros de críticos e especialistas em literatura, é escassa. Assim, quanto a textos críticos e historio-

* PUCRS.

gráficos da literatura brasileira, o autor está, na maior parte das vezes, circunscrito ao âmbito regional. Dentro dos estudiosos gaúchos que se debruçaram analiticamente sobre o autor, cujos trabalhos foram publicados em livro, que datam anteriormente a 1996 (período final de abrangência dessa primeira parte de meu estudo), destacam-se Regina Zilberman e Antonio Hohlfeldt.

Regina Zilberman, no livro *A literatura no Rio Grande do Sul*, de 1980, no capítulo "A existência urbana na ficção atual", situa o escritor na esfera da literatura introspectiva, inaugurada pelo romance psicológico de Reynaldo Moura, e desenvolvida com diferentes matizes por autores como Dyonélio Machado, Tania Faillace e Antonio Carlos Resende. Zilberman aponta como elemento comum a esses autores a centralização no âmbito interno das figuras humanas, destacando ainda como característica de Caio a criação de personagens anônimas, esvaziadas de identidade, em um universo existencial marcado pela estreiteza e fragmentação.

Antonio Hohlfeldt, na obra *O conto brasileiro contemporâneo*, de 1981, no capítulo intitulado "O conto de atmosfera", afirma que Caio fixou a marginalização a que foi submetida a juventude brasileira dos anos sessenta. Essa fixação, segundo Hohlfeldt, não ocorreu como denúncia sócio-política, mas através do acompanhamento e da identificação dos múltiplos caminhos que a juventude buscou à época (aliada a sua própria experiência pessoal). Os contos de Caio, segundo Hohlfeldt, são ritualizados e sua linguagem é apontada como intensamente lírica e instauradora de novos vocábulos, signos e símbolos.

Dentro do âmbito de pesquisas universitárias, Caio também é destacado. Uma análise de seu trabalho como contista é parte integrante de uma tese de Doutorado apresentada na USP, em 1993, da professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Gilda das Neves da Silva Bittencourt. A tese *O conto sul-rio-grandense: tradição e modernidade*, em que enfoca o contista em três vertentes temáticas do conto sul-rio-grandense por ela definidas: a vertente social, a vertente existencial-intimista e a vertente memorialista ou da reminiscência infantil. Na primeira, a vertente social, a autora observa que, na obra de Caio Fernando Abreu, a abordagem do social faz-se pela sutileza das metáforas e pela construção de uma simbologia particular, que tornam seu texto cifrado, sobressaindo-se muito do seu imaginário pessoal, com imagens enigmáticas e inusitadas que acentuam a atmosfera hermética de suas histórias. Na segunda, a vertente existencial-intimista, comenta que os textos do autor, ainda que enfatizando a perspectiva interior e a problemática existencial, possuem ligações com a realidade e o momento

histórico em que surgem. Na terceira, a vertente memorialista ou da reminiscência infantil, é discutido o tratamento literário diferenciado de três contos do autor em que o tema ou a perspectiva da infância faz-se presente.

A obra de Caio Fernando Abreu é alvo de estudos também em revistas especializadas em literatura, no âmbito universitário. Na revista *Letras*, da Universidade Federal de Santa Maria, Marco Aurélio Biermann Pinto, em 1991, escreveu o artigo "Caio Fernando Abreu: Notas esparsas", destacando a exploração da paixão aliada ao mito e na revista *Brasil - Brazil*, da PUCRS, Fernando Arenas, em 1992, em "Estar entre o lixo e a esperança: *Morangos Mofados* de Caio Fernando Abreu", discute a obra sob a perspectiva do pós-modernismo, com ênfase na construção metaficcional, a temática de fragmentação, a construção de um sujeito sem unidade e sem determinação prévia de papéis sociosexuais.

O trabalho mais alentado sobre o autor encontra-se no fascículo Caio Fernando Abreu, da série *Autores Gaúchos*, editado pelo IEL, em 1988, que apresentou, em 1995, uma segunda edição atualizada. O fascículo, além da bibliografia, traz uma entrevista com o próprio escritor, intitulada "Um biógrafo da emoção", e uma análise sobre suas obras feita por Clotilde Pereira de Souza Favalli. A autora aponta as características essenciais de cada um dos livros do autor editados até 1988, destacando elementos como o universo das personagens que, nos primeiros contos, é marcado unicamente pelo aprisionamento delas em si mesmas e que se desenvolve para uma relação conflituosa entre o indivíduo e a sociedade. O conflito, que se caracteriza inicialmente pela impossibilidade de o indivíduo alcançar sua significação em um sistema social que o oprime, irá apontar para a afirmação da identidade através da afirmação de valores individuais e da não aceitação dos valores convencionais.

Na edição de 1995, além do estudo de Clotilde Favalli, há um ensaio de Gilda Neves da Silva Bittencourt, que comenta os livros *Onde estará Dulce Veiga?* e *Ovelhas negras*. A autora assinala que, apesar das diferenças de modalidades narrativas (romance e contos), as obras apresentam em comum personagens anônimas e marcadas pela solidão. Segundo Gilda, Caio consegue desvelar o duro mundo das cidades escondido por trás das fachadas dos espaços privados e públicos sendo, assim, uma voz afinada com o tempo em que vive.

A obra de Caio, contudo, não está circunscrita ao espaço do Rio Grande do Sul, pois importantes estudiosos de outras regiões do país dão destaque ao trabalho do autor. Flora Sussekind, em

Literatura e vida literária – polêmicas, diários & retratos, obra publicada em 1985, ao discutir os caminhos da literatura brasileira pós-64, cita Caio Fernando Abreu entre os autores que não seguiram as duas maiores vertentes literárias do período, ou seja, a referencialidade pautada por uma perspectiva descritiva/jornalística/naturalista ou por uma perspectiva alegórica, de realismo mágico. Segundo a autora, Caio possuía um olhar às vezes afetivo, às vezes implacável sobre a própria geração, mas não recorreu, por exemplo, a descrições naturalistas ou discussões sobre a lógica das torturas no Brasil, e sim criou uma tensão narrativa capaz de, com personagens plenas de significação, dar conta da criação de um universo literário autônomo.

As consultas a fontes de crítica especializada mostrou-se insatisfatória do ponto de vista quantitativo e geográfico, principalmente se considerado que o autor viveu parte de sua vida fora de seu estado natal e possui uma obra não muito pequena, que transita por vários gêneros e que é traduzida em outros países. Sua obra é constituída por nove livros de contos, dois romances, um livro de crônicas, um livro infantil e diversas peças de teatro, sendo grande parte desses livros premiados no Brasil e também no exterior.

Em busca de material que revelasse uma visão mais abrangente sobre o autor e sua crítica, partiu-se para a pesquisa em periódicos de interesse geral. E foram nessas fontes que se revelou a presença notória de Caio na literatura nacional.

Através dos periódicos, percebe-se que Caio é notícia desde o início de sua carreira, pois em 9 de janeiro de 1971, no Caderno de Sábado, há um artigo intitulado "Sobre roda de fogo", de Alberto Crusius, em que é destacada a participação do autor na antologia de contos de autores rio-grandenses lançada no ano anterior. Percebe-se que é notadamente com a publicação de *O ovo apunhalado*, em 1975, que a incidência de comentários e críticas sobre o autor cresce nos meios de comunicação, o que, como o próprio Caio observou, serviu de estímulo para a continuidade da carreira de escritor. Além das críticas que surgem no seu estado de nascimento, a obra de Caio mereceu também o olhar de críticos do centro do país desde esse período, o que é comprovado com o artigo "Caio exprime a inquietação dos jovens", de Wladyr Nader, em março de 1976, na *Folha de São Paulo*. Essa atenção redobra-se após a publicação de *Morangos mofados*, em 1982, que se torna uma espécie de emblema do autor, tendo o livro atingido muito sucesso de crítica e de público, com diversas edições, constituindo-se a nona, em

1995, a última revisada e alterada pelo autor. O livro ganha destaque em jornais como *Folha de São Paulo*¹ e *Jornal do Brasil*.²

Uma das análises mais significativas desse período é a de Heloísa Buarque de Holanda, em artigos publicados no *Jornal do Brasil*, em 24 e 31 de outubro de 1982, intitulados "Hoje não é dia de rock", estabelecendo uma relação entre o livro de Caio e peça *Hoje é dia de rock*, escrita em 1971, por José Vicente, revelando que ambos possuem em comum o fato de retratarem a geração que ousou sonhar e experimentar algo diferente nos anos 60 e 70. Segundo ela, Caio aplica-se na definição de gestos, falas, sentimentos que, aos pedaços, começam a traçar o painel de um momento da história de uma geração, porém o foco não comporta julgamentos nem cabem teses que critiquem a realidade dessa experiência ou identifiquem erros ou acertos estratégicos. É um movimento crítico para flagrar uma incerta dor ao lado de um *gosto amargo de morangos mofados*. Em lugar de teses, conforme a opinião de Heloísa B. de Holanda, Caio faz aflorar dramaticamente os limites e impasses da experiência passada, fala da crise da contracultura enquanto projeto existencial e político, revelando o desgaste sofrido pela utopia de um mundo alternativo. Ainda que de uma perspectiva que se quer distanciada, o livro, segundo ela, não deixa de revelar certa perplexidade diante da falência de um sonho, mas acima de tudo, aponta para a certeza de que é fundamental encontrar uma saída capaz de absorver, já sem a antiga fé, a riqueza de toda essa vivência, mostrando a necessidade clara da existência de um novo projeto (novos sonhos) que inclua, agora, um acerto de contas com o real.

A crítica, apesar de na maioria das vezes ser elogiosa e destacar qualidades do autor, nem sempre é unânime. Isso evidencia-se por ocasião do lançamento do livro *Triângulo das águas*, em 1983, que não obtém o mesmo reconhecimento do livro anterior. Localizou-se somente quatro textos sobre a obra, e, na segunda edição, em 1991, apenas vagos informes sobre o seu lançamento³. Além da pequena quantidade de artigos, dois são antagônicos: Geraldo Galvão Ferraz escreve, (12 out.1983) na revista *IstoÉ*, um artigo intitulado "Pelas noites vazias", em que diz ser o livro *Triângulo das águas* o melhor de Caio, revelando *um escritor em plena maturidade*

¹ NADER, Wladyr. Um desencanto bem elaborado. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 30 maio 1982.

² WYLER, Vivian. Sonhadores nostálgicos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 30 maio 1982, p. 5.

³ Como o anúncio sobre o livro na revista *Desfile*: MARA, Vivian. *Triângulo das águas*. *Revista Desfile*, Atualidades Livros, dez. 1991.

criativa. Em voz dissonante, Regis Bonvicino, na revista *Veja*, (também de 12 out.1983), no artigo "Fôlego curto", aponta inúmeras falhas na elaboração do livro, dizendo ser um texto muito fragmentário, excessivamente subjetivo, que dificilmente despertaria o interesse do leitor. É interessante ressaltar que todos os comentários do crítico da *Veja* são feitos tomando por base unicamente o primeiro texto do livro, classificado de "romance" pelo jornalista, quando, em verdade, a obra reúne três narrativas distintas.

Ainda sobre o livro, em outubro e em novembro surgem artigos na *Folha de São Paulo*⁴ e na revista *Visão*,⁵ ambos elogiosos.

A divergência da crítica ocorre também com o livro *Os dragões não conhecem o paraíso*, de 1988, em que, discordando de todos os demais críticos que publicam no *Jornal do Brasil*,⁶ no *Estado de São Paulo*,⁷ *Jornal da Tarde*,⁸ Marcos Augusto Gonçalves, na *Folha de São Paulo*, em 16 de abril do mesmo ano, contrariando radicalmente as opiniões até então expressas sobre o livro, chama o livro de ultrapassado, com excesso de intimismo e com uma linguagem até mesmo pueril. Ao que parece, esse artigo e o anterior sobre *Triângulo das águas* são os únicos a desferirem críticas ferinas ao autor.

Todas as demais obras do autor continuaram sendo noticiadas e comentadas nos periódicos de seu estado natal e do centro do país. Porém, em 1994, Caio ganha notoriedade após ter descoberto e declarado publicamente ser portador do vírus HIV. Trabalhando em São Paulo, Caio e sua postura corajosa e determinada ganham relevo em diversos artigos nesse estado, no Rio Grande do Sul, e em vários pontos do país.

Artigos sobre seus novos projetos, a presença em encontros e feiras de livro, entrevistas sobre o trabalho e sobre a AIDS tornam-se freqüentes nas páginas jornalísticas. Dessa forma, não se poderia esperar que sua morte passasse despercebida: seu falecimento é amplamente noticiado nos maiores periódicos de circulação nacional. Rompendo fronteiras mesmo na morte, além dos jornais de maior circulação no Rio Grande do Sul, São Paulo e Rio de Janeiro, Caio é notícia, por exemplo, no *Diário do Nordeste*, de Fortaleza, que o considera um dos mais talentosos escritores brasileiros da geração

⁴ MINDLIN, Sônia. Trilogia de insônia e aurora. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 30 out. 1983.

⁵ NASCIMENTO, Manoel. Aventura fascinante. *Visão*, São Paulo, p. 69, 21 nov. 1983.

⁶ CASTELLO, José. Triste e felizes. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 19 mar. 1988. *Idéias/Livros*, p. 4.

⁷ GOMES, Álvaro Cardoso. Sutilezas das relações humanas. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 20 mar. 1988.

⁸ CATANI, Afrânio M. Contos: a difícil arte de escrever sobre os nossos dragões. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 26 mar. 1988.

surgida em plena rebordosa dos anos 70 e, em sua terra natal, o jornal *Zero Hora*, além de noticiar o falecimento, dedica um suplemento e um caderno especial ao escritor: o primeiro um dia após sua morte, em 26 de fevereiro de 1996, e o seguinte em 2 de março. No suplemento, é traçado um esboço da biografia do escritor gaúcho e são trazidos às páginas do jornal depoimentos de amigos e conhecidos de Caio.

Após o levantamento e análise do material sobre a obra de Caio Fernando Abreu, pode-se concluir que o olhar da crítica sobre sua obra torna-se mais aguçado nos períodos que antecedem ou que se seguem ao lançamento de um novo livro. Desde que se inicia na profissão de escritor, Caio constitui tema para artigos veiculados em diversos jornais e revistas nacionais, em que se noticia a mais recente publicação, tomando-a como objeto de análise. Quando é divulgado o fato de Caio ser portador do vírus HIV, as atenções voltam-se mais para a vida e a atitude que adota diante da doença do que propriamente para sua produção literária. No entanto, a publicidade sobre a doença acaba por notabilizar o escritor que, ao ganhar maior relevo nos meios de comunicação, acaba tornando sua obra ainda mais conhecida. Por ocasião de seu falecimento, o homem Caio Fernando Abreu, suas vivências, sua filosofia de vida e sua obra são igualmente destaque na mídia.

Nas análises, sobressai-se o interesse da crítica em situar Caio como o representante de uma determinada geração ou de um determinado segmento social. As relações sociológicas entre autor, obra e realidade vivenciada destacam-se desde os primeiros artigos sobre o escritor, em que se identifica Caio como representante de uma geração com uma visão diversa dos padrões comportamentais hegemônicos da sociedade. A obra de Caio é abordada como a representação literária de um grupo que procura negar o sistema social existente e que tenta construir uma nova sociedade, priorizando a valorização do indivíduo com suas peculiaridades e a não-marginalização de diferentes posturas de vida.

À medida que sua produção se desenvolve, a identificação não se faz mais com a geração dos anos 60/70, mas sim com a designação de Caio enquanto porta-voz daqueles que se sentem sufocados em uma sociedade massificadora e alienante, independente de uma filosofia de grupo. É o escritor que fala da falência de determinados sonhos, mas principalmente da inadequação e do vazio sentido pelas pessoas no cenário das grandes cidades.

A crítica, ao enfocar os temas manifestos em seus livros, salienta o trabalho com a sexualidade em uma perspectiva bastante ampla e com a representação de seres que não se satisfazem ple-

namente com o que a sociedade oferece, provindo disso a afirmação de que Caio lida com temas negativos como a solidão, o sentimento de marginalização e da impossibilidade de auto-realização. Porém, mesmo sendo atribuída aos livros do escritor gaúcho uma temática que lida com a sensação de fracasso, da impossibilidade de se viver com plenitude as emoções e os desejos do homem, é nítido o tema da constante busca por algo capaz de dar sentido à vida, pela possibilidade de se descobrir uma forma de realização pessoal que supere o esmagamento dos sonhos a que os indivíduos estão constantemente sendo submetidos.

Ao mostrar a fragmentação e os conflitos que existem debaixo da aparente massificação do ser, como é sublinhado, Caio traduz o próprio homem moderno, lidando assim com a atualidade, de forma a relacionar representação narrativa com o mundo real que se vê refletido na obra. No entanto, apesar de a crítica situar seus livros como conseqüência de uma determinada realidade marcada social e temporalmente, percebe-se que, em verdade, o escritor lida com temas universais e permanentes, inerentes aos questionamentos mais profundos do ser humano, que transcendem às circunstâncias sócio-históricas que por ventura tenham estimulado a produção.

Para realizar isso, através dos textos, Caio possui uma forma peculiar, um estilo que recorre constantemente ao uso de imagens, e que, como é destacado, trabalha com o universo lingüístico de forma que haja confluência entre expressão e temática, com uso de metáforas e elipses que obrigam a procura de significações no plano lingüístico e semântico como há, por parte das personagens, e dos textos como um todo, a busca da significação profunda do existir não aparente no universo. A crítica aponta, assim, para a existência de uma relação entre os textos do autor e uma perspectiva simbólica de representação, apreensão e discussão da vida humana, pois as obras apresentam imagens simbólicas que fazem com que os textos ultrapassem a representatividade referencial do universo das personagens.

Por isso, pode-se afirmar que Caio transcende barreiras de tempo e espaço, e se certamente é, como diria Machado de Assis, um homem de seu tempo, é também, dizemos nós, um ser que irá permanecer, através de sua obra, por todos os tempos.

O escritor Caio Fernando Abreu inquietava-se com o papel do fazer literário diante da sociedade e do ser humano. Essa inquietação é certamente pertinente para qualquer tarefa que se desempenhe, incluindo tanto a produção crítica como a análise literária em geral. Assim, seria prazeroso imaginar, como ele, que tanto quanto

a literatura, a discussão e a análise literária também sejam elementos que colaborem na compreensão do ser humano e que possam da mesma forma colaborar para a reintegração das porções perdidas e fragmentadas dos seres e "propor outros mundos, novas leituras do real".⁹

⁹ ABREU, Caio Fernando. In: CARVALHO, Marco Antônio. Em busca da síntese do saber: entrevista. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 30 ago. 1990.